

UM ESTRANHO NO NINHO

de Raduan Martinez

Acredito que todo recém iniciado traz consigo o ímpeto de se familiarizar com os Irmãos de Loja, de estudar a arte real para o seu aperfeiçoamento e o desejo de visitar outras Lojas para participar de seus trabalhos, principalmente nas iniciações para saber do iniciado quais foram as suas impressões tiradas do simbolismo da que eu considero ser a mais importante cerimônia da vida de um maçom.

Era dezembro de 1992 e fazia muito calor naquela noite; como qualquer iniciado, eu estava ao mesmo tempo feliz e ansioso, pois preparava-me para adentrar em nossos Augustos Mistérios em uma certa Loja Maçônica no interior de São Paulo, exatamente na última sessão daquele ano, o que para mim foi uma verdadeira tortura, afinal, eu teria de aguardar o período de recesso até o ano seguinte para estar novamente em Loja com os Irmãos e retomar os trabalhos.

Nessa época eu residia em uma cidade próxima de onde fui iniciado e meu relacionamento interpessoal era quase totalmente vinculado ao trabalho desenvolvido na Delegacia de Polícia local, isto, porque, o atendimento ao público se tornava um grande vetor que propiciava a conquista de várias amizades.

Foi nesse cenário que eu conheci um grande amigo, aquele que mais tarde soube se tratar de um Irmão. Vou chamá-lo de Roberto. Era dentista conhecido da cidade, cinquenta e poucos anos, exímio contador de histórias e saudosista ao extremo, sobretudo quando falava de sua terra natal, localizada na região centro oeste do estado de São Paulo.

Roberto descrevia sua cidade com propriedade e a expunha com detalhes que parecia ter saído do roteiro de um filme. Eloquente, falava da elegância das pessoas e de seus afazeres, dos domingos ensolarados no Country Clube e daquele chopp cremoso e indefectível, servido a zero grau na casa mais badalada da cidade, que mais chamava a atenção por possuir um sistema próprio que bombeava a água de uma cisterna para despejá-la no teto e arrefecer o calor que persiste na cidade até de noite, dando aquela gostosa impressão de chuva.

Enfim, de forma empolgante ele contava o dia a dia dessa pulsante cidade que, apesar de quente, despertava a qualquer pessoa uma paixão singular à primeira vista, seja pelo estilo de vida de seus cidadãos, seja por oferecer atrativos para todos os gostos e idades, mantendo, em contrapartida, o charme de uma cidade interiorana.

Os dias se passaram e ao meio de tantas coisas que Roberto falava dessa cidade, certa feita não hesitei em lhe perguntar se lá existia alguma Loja Maçônica regular.

Com ar de mistério, mas com a mesma propriedade de sempre Roberto respondeu com um sonoro “sim” e passou a citar a atuação dessa Loja na região, ao mesmo tempo em que se detinha para desenhar com os dedos no ar – *seu costume, herdado das raízes italianas* – os detalhes do imponente Templo, que lembra o Partenon, na Grécia, dado o estilo arquitetônico e sua localização acima do nível da cidade, bem como da decoração imponente que impressionava por sua beleza e sobriedade.

E essa era a rotina. Toda vez que eu encontrava Roberto na cidade ou em uma reunião de família sempre pedia para ele falar alguma coisa de sua terra natal, pois, a essas alturas, já tinha me apaixonado por ela só de ouvi-lo na verve de sua narrativa.

Eis que certo dia encontrei Roberto no centro da cidade e resolvi convidá-lo para um café. Iniciamos uma conversa animada e descontraída quando, em dado momento, ele decidiu me fazer uma surpresa convidando-me para participar de uma iniciação em sua terra natal, afinal, eu era um tenro Aprendiz recém-saído das cavernas da ignorância e ele sabia que visitar Lojas era essencial para a formação de um maçom, além do que eu teria, de quebra, uma oportunidade de conhecer a sua cidade de que ele tanto falava.

Com os olhos brilhando de alegria e satisfação não pensei duas vezes e de pronto aceitei o convite.

E lá fomos nós!

Após percorrer algumas horas de viagem avistei a entrada da cidade e logo pude perceber que Roberto não economizou palavras. De fato, a cidade pulsava tudo aquilo que ele dizia e apesar de muito quente, era tudo muito limpo e transpirava beleza e organização, com especial detalhe as ruas do bairro onde era possível notar árvores frutíferas bem podadas que exalavam as mais variadas nuances de perfume ao som de pássaros.

Ficamos hospedados em sua casa que ele mantinha preservada especialmente para a sua estada quando em visita aos familiares; era um bangalô charmoso e decorado com muito bom gosto, possuía quintal avarandado nos fundos, revestido com ardósia e floreiras em volta das janelas dos quartos, mantidas cuidadosamente pela cunhada.

Após o almoço, descansamos um pouco e tiramos a parte da tarde para darmos uma volta e conhecer rapidamente os principais pontos da cidade para que eu sentisse de perto a rotina das pessoas e seus costumes.

Por fim, paramos naquela choperia famosa e tomamos um chope bem gelado para aplacar o calor e voltamos para casa para nos preparar para a noite.

Pouco antes das 20 horas saímos rumo a sessão e chegamos com certa antecedência. Fazia uns 30 e poucos graus, estava realmente quente, mas chegamos cedo, porque sabíamos que a Loja era numerosa e naquela noite, em especial, estaria com a presença maciça dos Irmãos do quadro, bem como de outras Lojas por se tratar de uma iniciação.

Já dentro do edifício vários Irmãos se encontravam no átrio assinando o livro de visitantes ao meio de calorosos cumprimentos, altas risadas e do vozerio agitado que mais parecia uma Torre de Babel. Detive-me por alguns instantes para examinar o local e constatei que a Loja era tudo que Roberto falava em termos de beleza e arquitetura, o que só veio a acentuar a minha visão imaginária daquele Templo monumental.

Olhei em volta e percebi que o candidato – *que aqui vamos chamá-lo de Henrique* – já tinha sido preparado e estava recolhido em uma sala especial na parte externa do edifício, por ser um local mais tranquilo e longe daquele burburinho para que ele pudesse preencher, em silêncio, a documentação final e necessária para a cerimônia.

Iniciada a sessão notei uma certa tensão no semblante de Henrique denunciada pelo suor que escorria de sua testa, porém, ele prestava muito atenção no que lhe era perguntado, passando-nos a impressão de seriedade de quem estava bem consciente, entregue e imerso na cerimônia.

Enfim, chegada a grande hora, Henrique terminou a iniciação visivelmente emocionado e com os olhos marejados de lágrimas, a contagiar a todos os presentes, principalmente a mim que ainda tinha lembranças frescas da minha Iniciação.

Encerrados os trabalhos, como um raio, eu e Roberto fomos direto para o ágape nos livrar de nossos paletós e se refrescar por dentro como verdadeiros homens de boa vontade, além, é claro, de nos juntar aos Irmãos que já formavam um semi círculo em volta de Henrique com inúmeras perguntas:

- *O que achou da Iniciação?*
- *O que sentiu em cada momento?*
- *Entendeu a mensagem da iniciação?*
- *E sobre os símbolos, o que entendeu???*

Com muita paciência e bom humor Henrique tentou responder a todas as perguntas daqueles Irmãos que o rodeavam, porém, em determinado momento ele se deteve por alguns instantes, olhou para cima com um ar de desconfiado e disse aos presentes:

— *Foi realmente fantástica a iniciação e eu não esperava por menos, até porque nos faz despertar os sentimentos mais ocultos guardados dentro nós, mas, de tudo, de tudo, o que eu ainda não consegui entender foi o significado da **COBRA**.*

E concluiu com a seguinte pérola:

— *Tem algo a ver com o pecado original, não é?* – exclamou o Neófito.

Os Irmãos que estava ali se entreolharam meio desconfiados e sorriram indolentemente para Henrique suspeitando se tratar de uma alucinação dele por causa do calor, mas ele retrucou o clima de desconfiança de todos e exclamou:

— *Sim!!! Lá naquela sala onde eu fiquei trancado, preenchendo aqueles papéis, tem uma cobra que me olhava fixamente, daí a razão de querer saber qual a sua simbologia na iniciação!*

Sem entenderem nada e já esperando pelo pior, os Irmãos foram até o local onde Henrique esteve e para a surpresa de todos, lá estava ela: enrolada e feliz ao meio de algumas folhas, desfrutando do calor daquela noite, naquela Loja majestosa e naquela cidade magnífica de que tanto Roberto falava, talvez aguardando o próximo iniciado...